

Os 40 Anos de "Raízes do Brasil" e da Coleção Documentos Brasileiros

Afonso Arinos de Melo Franco

A 24 de setembro de 1971, escrevi de Roma uma carta a José Olympio, a qual serviu de prefácio às Memórias do meu caro amigo Cândido Mota Filho. O livro *Contagem Regressiva* correspondia ao número 150 da Coleção Documentos Brasileiros que agora, com mais uma reedição deste clássico *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, aparecido em 1936, atinge o quadragésimo aniversário com 170 títulos. Da carta-prefácio referida permito-me reproduzir estas frases: "A série de livros memoráveis editados pela Casa, iniciada por Gilberto Freyre, continuada por Otávio Tarquínio de Souza e que hoje tenho a honra de coordenar... a nossa *Documentos Brasileiros* constitui um dos maiores monumentos da cultura nacional... A geografia, a história política, a história literária, a crítica, a sociologia, a biotipologia e a caracterologia, a história das idéias, a filologia, o folclore, o urbanismo, a interpretação sociopsicopolítica, a evolução da técnica e do trabalho, a biografia, a história administrativa, a etnografia, a colonização, a miscigenação, a história religiosa, a história militar, a história econômica e, finalmente, as memórias, eis o vasto campo, pode-se dizer a totalidade do Brasil no seu corpo, na sua alma, na sua cultura, na sua evolução, nas suas esperanças."

Ao lado destas palavras é uma satisfação colocar estas outras, do Mestre Gilberto Freyre, que abriam em julho de 36 a primeira edição de *Raízes do Brasil*, palavras antecipadoras tanto sobre Sérgio quanto sobre José Olympio: "O escritor paulista é uma daquelas inteligências brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como a capacidade de analisar, o gosto de interpretar, a alegria intelectual de esclarecer... Animando-a (a Coleção) o jovem editor José Olympio mais uma vez se revela bem de sua geração e de seu tempo." Seu tempo, aquele tempo, nosso tempo, tempo do Brasil. Hoje, José Olympio, Gilberto, Sérgio e o signatário destas linhas já passamos dos 70. Com o saudoso Otávio Tarquínio nós, os autores, escrevemos mais de uma centena de volumes, que estão entre as quase quatro mil edições da Casa. Nós os setentões formamos uma geração que talvez não fique esquecida, entre outras, na cultura brasileira. E quando digo isto estou pensando em José Lins, em Amando Fontes, em Calmon, em Graciliano, em Drummond, em Murilo, em Rosa, em Nava e não falo em você, Rachel, por não ser de bom gosto tocar em idade de senhoras.

Sérgio Buarque de Holanda começou sua carreira com um livro definitivo: esta depois foi a sucessão de estudos fundamentais, que o levaram à posição de vanguarda que ocupa, sem contestação nem sentimentos, na história e na interpretação do Brasil e da sociedade brasileira. No livro e na cátedra, no Brasil e no estrangeiro, Sérgio atingiu uma dimensão e uma responsabilidade de que ele mesmo talvez não se dê conta. Ele me disse certa vez, em Lima, que era "o pai de meu primo Chico", mas eu pensava, sem dizer, que meu primo Chico era filho de Sérgio Buarque e também por isto me orgulhava pelo Chico.

Que posso acrescentar sobre a obra numerosa, densa e de impecável dignidade formal que Sérgio nos lega em plena vida? Seria estulto fazer qualquer tentativa apressada de avaliação. Prefiro manifestar minha segurança naquilo que ele ainda nos vai entregar no seu rijo Frutidor. Uma coisa é certa. Passar-se-ão muitos anos antes que um outro escritor brasileiro apresente obras que ultrapassem *Raízes do Brasil*, *Visão do Paraíso* ou este admirável e tão pouco-falado (não sei por que) do Império à República. O jovem amigo que há meio século — que, com outro fraterno companheiro que é Prudente, mudou, nos meus vinte anos, a concepção da literatura e me abriu novos caminhos à curiosidade intelectual — foi passando da contestação à reflexão, da novidade à criação, do desafio à resposta. É com saudade que me lembro do Sérgio daqueles anos de Faculdade, do seu monóculo, da sua extraordinária informação, da sua zombeteira capacidade de decifrar os enigmas que nos cercavam. Os moços, que então éramos, já não existem. Mas hoje existe Sérgio Buarque de Holanda, que teve o privilégio de descobrir mal-apontou, e que agora saúdo como um dos nossos maiores, em qualquer tempo.

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

apresenta na

COLEÇÃO DOCUMENTOS
BRASILEIROS

(DIREÇÃO DE AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO)

O VOLUME N.º 1



SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

RAÍZES DO BRASIL

1936—1976

nona edição—comemorativa do

jubileu de esmeralda

do livro e da coleção

Prefácio

de

ANTÔNIO CÂNDIDO

9ª Edição

RIO DE JANEIRO/1976



A História Bibliográfica de "Raízes do Brasil"

- 1.ª edição: outubro de 1936 — Vol. n.º 1 da Coleção Documentos Brasileiros (então dirigida por Gilberto Freyre). Nota de Gilberto Freyre. Ed. José Olympio.
 - 2.ª edição, revista e ampliada: janeiro de 1948 — Vol. n.º 1 da Col. Doc. Bras. (então dirigida por Otávio Tarquínio de Souza). Nota do A. à 2.ª edição. Ed. José Olympio.
 - 3.ª edição, revista: agosto de 1956 — Vol. n.º 1 da Col. Doc. Bras. Notas do A. às 2.ª e 3.ª edições. Ed. José Olympio.
 - 4.ª edição: 1963 — Editora Universidade de Brasília. Notas do A. às 2.ª e 3.ª edições, e nota de Antônio Cândido.
 - 5.ª edição, revista: janeiro de 1969 — Vol. n.º 1 da Col. Doc. Bras. (direção de Afonso Arinos de Melo Franco). Introdução de Antônio Cândido. Notas do A. às 2.ª e 3.ª ed. Ed. José Olympio.
 - 9.ª edição: março de 1976. Ed. José Olympio. (de Afonso Arinos de Melo Franco). Introdução de Antônio Cândido. Notas do A. às 2.ª e 3.ª edições. Nota da Editora. Co-edição com o INL.
 - 7.ª edição: maio de 1973. Ed. José Olympio.
 - 8.ª edição: maio de 1975. Ed. José Olympio.
 - 9.ª edição: março de 1976. Ed. José Olympio.
- Tradução italiana: *Alle Radici del Brasile* — Tradução de Cesare Rivielli — Milão-Roma, 1954.
- Tradução espanhola: *Raíces del Brasil* — Versão de Ernestina de Champourcin. Fondo de Cultura Económica. México-Buenos Aires, maio de 1955.

A Origem do Homem e o Mito do Povoamento da Terra

A. Seixa Netto, h.c.

A origem do Homem é, ainda, certamente, apesar de toda a pesquisa moderna, um mistério completo. As hipóteses biológicas, filosóficas, teológicas multiplicam-se, chocam-se, contradizem-se, mas, finalmente, nada definem, nada localizam, nada legislam. E, contemporaneamente, com a desordenação da Filosofia-inquirente pela pseudo Filosofia-econômica, o problema, cada vez mais, se preenche de incógnitas. Apesar dos valiosos trabalhos de conquista do Cosmo próximo pela navegação interplanetária local, o Homem se torna mais violentamente antropocêntrico e incapaz de ver a si mesmo. Não há uma lei mais ampla, — mesmo teórica —, para início de partida; tudo paira dentro do nevoado das suposições, dos mitos, dos panteões. E nos livros mais recentes, como... “E A BÍBLIA TINHA RAZÃO”, de Keller, “O ENIGMA DA ATLÂNTIDA”, de Braghne, há uma tentativa de retorno ao passado; há uma regressão cultural-científica; há uma especificação total da decadência e da incapacidade do Homem de hoje; há uma tendência de situar o primitivismo que permanece. A enorme biblioteca de comparação entre o saber moderno e o saber antigo, entre as realizações de Ciência, Arte, Pensamento, modernos e antigos mostra meridianamente que o Homem ainda é um desconhecido, não naquele sentido proposto por Alexis Carrel, mas desconhecido em sua gênese, em sua origem, em sua finalidade, em si mesmo. Estarão, finalmente, certas, ou aproximadamente certas, as conclusões, ou encaminhamento de conclusões, propostas nessa inusitada livreria? Em verdade, creio, e aqueles que se derem à mais profunda meditação, sem enlaçamentos ou compromissos cerceantes, o crerão também, que falta algum ponto de referência mais preciso, mais exato, mais positivo. Falta, certamente, uma Ciência mais ampla, falta a estruturação da ARQUEOLOGIA COSMOLÓGICA.

Mas voltemos ao início: Do ponto de vista Cosmológico, — que inclui em si mesmo a realidade Astronômica e Astrofísica —, para situar o Homem, e compor uma diretriz de análise e de pensamento, propus, em 1968, no ensaio A NOVA ASTRONOMIA DO UNIVERSO LOCAL, pág. 2, — (ined. man.) uma LEI: — O Homem fisiológico é produto das reações fisiológicas do Planeta. Esta LEI, evidentemente, pode ter um espírito muito amplo e pode satisfazer a muitas interpretações e linhas de pensamento, sem perder o seu embasamento fundamental: A Fisiologia do Planeta. Assim, em linhas amplas, esta LEI indica, precisamente, que o HOMEM é criação particular ao Planeta TERRA; e indicará, mais amplamente, que todos os astros, em condição planetária, podem gerar seus próprios Seres, segundo características de sua própria fisiologia. Condição planetária, para um astro, será aquela que o diferencia de uma estrela: ter um envoltório de superfície que não permita ao núcleo emitir luz, radia-

ção diversas. Sobre este assunto é conveniente referir que, no ensaio GENESE ESTELAR E CONCEITO DE UNIVERSO, — (Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina) — 1969 —, à página 19, afirmo: “Passados os primeiros estágios estelares, começou o encrostamento; por falta de reações fisionucleares à superfície, e o núcleo da Estrela-Terra foi-se aprisionando nesse encrostamento ou matéria sem reações;”. Logo, a Terra, como entendo e expus, foi uma Estrela no Sistema Solar, como os demais Planetas componentes. Nesse ensaio, também, à mesma página citada, com referência à Lua, e tendo em vista o próprio mecanismo da hipótese emitida, é “do ponto de vista fisiológico estelar muito mais velha que a Terra”. (E agora, segundo provas com pedras trazidas da Lua pelos astronautas, aventam-se provas a esta afirmativa que fiz embasado no desenvolvimento do tema do ensaio; e registro mais uma vez a prioridade da afirmativa).

Mas voltemos ao Homem. A Lei indicada, — (opus cit.) —, revela que o Homem é criatura do seu próprio Planeta. E para melhor informar, no Adendo n.º 4, — DAS CONDIÇÕES DOS MUNDOS HABITADOS — in GENESE ESTELAR E CONCEITO DE UNIVERSO, — (opus cit.), à página 57, proponho a seguinte regra: “Semelhança biológica implica em semelhança ecológica”. E isto poderá ser também uma Lei. E dirá nada mais nada menos que isto: Se há outro mundo habitado por seres iguais ao Homem da Terra, esse mundo, fatalmente, será um par ecológico da Terra. E onde estará esse mundo, esse planeta? A mais recente proposição narrativa da origem extraterráquea do Homem é feita por Daniken, num livro cheio de in-



terrogações, em que deixa transparecer que os deuses dos variados panteões mitológicos antigos seriam astronautas de outros mundos... E para indicar que uma Lei geral deva ser necessariamente simpática, de modo a permitir ampla perquirição de todos os níveis e correntes de idéias com o máximo de tolerância possível, a proposta não colide, por exemplo, com a afirmativa contida na Bíblia “o homem é pó e ao pó voltará”; não colide, igualmente, com a afirmativa da evolução das espécies de Charles Darwin; não colidirá com outra afirmativa qualquer filosófica. Neste momento, a alternativa é biogeológica: A fisiologia dum planeta gera os seres desse Planeta. Agora, o complexo: Como será essa gênese? Como se distinguem e se separam os enramados da grande árvore biológica?

O certo é que a evolução fisiológica do Planeta, — que é, verdadeiramente, um processo de aniquilamento astrofísico —, introduz, progressivamente, modificação estrutural nos seres nele existentes. As condições astrofísicas modernas não ofereceriam mínimos fatores de permanência aos gigantescos seres de milhões de anos passados, é um exemplo inicial de meditação. As gentes primitivas, — aqueles que vivem no “campus” da Natureza da Terra —, que permanecem sob os influxos desse processo de aniquilamento astrofísico, ou dessa evolução fisiológica do Planeta, tendem a acompanhar de paralelo, como integrantes, o fenômeno e desaparecerem por completo. As raças mais inteligentes vão, lentamente, sem o sentirem, resistindo ao processo por adaptação artificial, isolando-se da própria Natureza do astro. E é bastante nítida a linha de separação dos povos ditos civilizados da Natureza da Terra; não há no homem moderno um condicionamento à Terra, mas uma perfeita distinção, um perfeito isolamento. Filosoficamente se poderá afirmar: O Homem já não vive na Terra, mas sobre a Terra. E convém meditar sobre esta parêmia.

Entendendo, conforme a Lei proposta, que o Homem é o broto mais alto da árvore biológica, deveremos perceber que é ele não um ser original, de estrutura primeira, mas um ser-síntese, contendo todas as estruturas anteriores, ou características das mesmas. É esta a notável importância do Homem. É este o ser notável que é o Homem. Pena é que ele não se compreenda, não tenha chegado a uma conclusão sobre si mesmo. Os biólogos, os geneticistas, os fisiologistas poderão entender bem, e mais perfeitamente, esta exposição. E que estudos poderão realizar assim vendo.

N. da R. — O autor é consultor em Ciência Paleogeológica do Instituto de Paleontologia e Arqueologia de Palermo, Itália.